

# SEGURANÇA E PROTEÇÃO NA AMIZADE ENTRE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE *BULLYING* E PRATICANTES DE KARATE

HUGO SIMÕES  
BEATRIZ PEREIRA  
ABEL FIGUEIREDO

## 11.1 INTRODUÇÃO

A adolescência é o intervalo de transição entre os períodos da infância e da idade adulta. Ocorre durante o período da puberdade e representa um estágio de desenvolvimento físico e psicológico significativo com implicações profundas na idade adulta. É caracterizada por uma progressiva reorientação social centrada na qualidade do tempo que passam com os seus pares (Steinberg & Morris, 2001). Nesta fase, as amizades podem vir a representar um grande significado na vida adulta, pelo que, são um dos aspetos mais importantes na vida dos adolescentes. É neste período do desenvolvimento humano que as brincadeiras mútuas da primeira infância são substituídas pelas atividades mais compartilhadas e com maior exposição social aos amigos em geral (Bagwell & Schmidt, 2013).

A qualidade da amizade é um dos fatores que mais impacto pode ter na previsão de resultados de desenvolvimento social, pelo que foi identificada como um dos indicadores mais importantes na construção das relações de amizade (Berndt, 2002). Para além de contribuir para um maior bem-estar psicológico, promove a diminuição de comportamentos desviantes entre os jovens com amizades de tipologia diversa que podem ser simplesmente de suporte ou mais íntimas (Rubin *et al.*, 2004). Quando os adolescentes passam tempo com amigos, eles compartilham experiências num contexto íntimo e seguro, o que lhes permite elaborar sobre essas experiências e aprender com elas, melhorando, conseqüentemente, os sentimentos de autoeficácia, de bem estar (Caprara *et al.*, 2006; Cuadros & Berger, 2016) e de reciprocidade. As amizades podem abranger dinâmicas sociais com maior ou menor proximidade (mais íntimas) consoante o *status* social estabelecido.

Este *status*, é um conceito social determinado por todos os membros do grupo de pares (Meuwese *et al.*, 2016), está em permanente construção na adolescência e apresenta múltiplas dimensões de análise, no entanto, há alguns indicadores de referência a reter. Os indivíduos que manifestam elevados comportamentos pro-sociais e reduzidas qualidades antissociais asseguram uma aceitação entre pares mais positiva ou, segundo a literatura, têm mais “*popularidade sociométrica*” (Wolters *et al.*, 2014). Por oposição, indivíduos que apresentam, em simultâneo, elevadas qualidades pro-sociais e antissociais serão adolescentes mais populares ou, segundo a literatura, indivíduos com uma “*popularidade percebida*” (Cillessen *et al.*, 2005; Wolters *et al.*, 2014). Enquanto a “*popularidade sociométrica*” é baseada na aceitação dos pares pela franqueza, honestidade e cooperação, fatores que fornecem sentimentos de pertença e inclusão, a “*popularidade percebida*” evidência a visibilidade que o indivíduo tem no seu grupo de pares, seja por apresentar habilidades físicas extraordinárias, ter elevados recursos económicos (e.g. telemóveis caros, “roupa de marca”, moto, computadores pessoais de elevado desempenho, ser fisicamente atraente, entre outros), ou simplesmente, pela expressão de poder ou do *glamour* emitido sobre os seus pares (Bukowski, 2011). Estar associado a este poder pode fazer refletir nos seguidores algum do *status* evidenciado pelo indivíduo mais popular, ou seja, usufruir do “efeito da glória refletida” (Cialdini & Richardson, 1980). Embora a “*popularidade sociométrica*” e a “*popularidade percebida*” estejam associadas à qualidade das amizades nos estudos supracitados, outros não reportam qualquer associação entre o *status* dos indivíduos e a qualidade da amizade (Lansford *et al.*, 2006). Esta divergência resulta, segundo Meuwese *et al.* (2016), da não distinção entre a perceção da popularidade sociométrica e da popularidade percebida nos instrumentos de recolha de dados. A este propósito, no presente trabalho de investigação ressalvamos a intencionalidade estratégica de submetermos a recolha de dados numa perspetiva diádica, de modo a que, na análise e discussão dos resultados fosse possível examinar as respostas sob o ponto de vista do inquirido (e.g. popularidade percebida) e da amizade relatada (e.g. popularidade sociométrica).

As amizades são consideradas representações mais livres da construção social uma vez que não estão dependentes de relações “obrigatórias”, presentes em contextos como as relações familiares, de trabalho ou de casal. Dão maior ênfase na negociação mútua dos termos e interações do relacionamento, menos vinculadas às normas sociais, expectativas e relações de poder hierárquicas do que as nossas relações familiares ou de casal (Graham, 2005). É normalmente considerada um fator de proteção para as vítimas de *bullying* na escola, ou seja, raramente a vitimação é perpetrada por amigos (Wei & Jonson-Reid, 2011). No entanto, é precisamente dentro de relacionamentos interpessoais estabelecidos (e.g. amigos), e não com estranhos aleatórios, que ocorrem os comportamentos de *bullying* (Wei *et al.*, 2007). Não é incomum encontrar relacionamentos conflituosos diádicos no dia-a-dia, muitas vezes até de forma íntima, como violência doméstica, abuso infantil ou agressão no namoro (Gauthier-Duchesne *et al.*, 2017; Vivolo-Kantor *et al.*, 2016; Vonderlin *et al.*, 2018). Esta condição ocorre quando há assimetria de poder ou relações afetivas mal pareadas, ou seja, é um argumento que concorre com uma das principais premissas para ocorrer o fenómeno de *bullying* (Costa *et al.*, 2013;

Olweus, 1997; Pereira, 2008). As evidências sugerem ainda que é no domínio dos fatores relacionais e individuais que as interações psicossociais se desenvolvem, bem como os seus impactos, positivos ou negativos. A qualidade das amizades pode ser complexa e multidirecional, podendo assumir um papel mutuamente antagônica, podendo exaltar, em simultâneo, relações afetivas positivas ou negativas, de acordo com o contexto. Basta, por exemplo, um indivíduo ser amigo de um determinado par enquanto também é hostil a outro num mesmo grupo de pares. É, por ventura, por esta razão que programas de prevenção e intervenção contra o *bullying*, baseados apenas na concetualização do constructo fora das redes de amizade proximais, podem não ter a eficácia desejada para um extenso grupo de adolescentes intervencionados (Mishna *et al.*, 2008). Os estudos normalmente negligenciam o fato de que ser aceito por colegas é diferente de ser aceito por amigos. Pares referem-se a uma ecologia social mais ampla em que o indivíduo se desdobra e define a sua posição na hierarquia social, enquanto amigos constituem um ambiente emocional no qual o indivíduo procura encontrar em pessoas próximas, relacionamentos seguros e estimulantes (Cuadros & Berger, 2016).

Diferenciar *bullying* de conflito na amizade nem sempre é claro para os adolescentes, no entanto, é evidente que, progressivamente, tem vindo a aumentar nos espaços da adolescência a intensidade agressiva com que alguns amigos se relacionam. Alguns investigadores consideram que estes comportamentos têm uma função evolutiva e que estão relacionados com o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência em contextos de adolescentes (Pellegrini *et al.*, 2007) contrariando, de alguma forma, outros estudos que referem que os comportamentos mais agressivos são parte de brincadeiras de luta, amistosas e sem intenção e magoar ou de se exibir (Smith *et al.*, 2004).

O Karate é uma arte marcial e um desporto de combate (AM&DC) originária da Ásia, praticada em todo o mundo por milhares de indivíduos de quase todas as idades. É também uma disciplina de AM&DC que é amplamente praticada como uma forma de autodefesa, ou como recurso bio psíquico que permite alcançar o equilíbrio físico, mental e de prevenção para a saúde (Chang *et al.*, 2018). É procurada pelos adolescentes como prática desportiva regular e está associada a diferentes tipos de motivação: diversão, prazer, melhoria de habilidades, aprendizagem, estar com amigos, sucesso, vitória e saúde (Bandura, 1997; Murcia *et al.*, 2007). No âmbito das Ciências Sociais, os estudos realizados na área do karate ou das AM&D dos últimos anos têm enfatizado o seu foco na análise dos comportamentos externalizantes (e.g. características de desafio, impulsividade, hiperatividade, oposição ou agressão), agressividade ou autoeficácia (Greco *et al.*, 2019; Gubbels *et al.*, 2016; Harwood *et al.*, 2017; Simões *et al.*, 2020). Não encontramos nenhum que explorasse a análise dos comportamentos internalizantes (e.g., ansiedade, retraimento, depressão, sentimento de inferioridade, isolamento social, falta de aceitação, solidão, propensão para o choro, demonstrações de tristeza, debilidade física e retração social) sob o olhar científico do treino de karate ou das AM&DC. Estes tendem a aumentar no período pré-escolar e escolar, e estão, frequentemente, associados nesta fase a crianças do gênero feminino e podem ter um impacto adverso no desenvolvimento socioemocional e na saúde das crianças (Flett & Hewitt, 2013). Trabalhos de investigação realizados por Hwang *et al.* (2017) sugerem que, adolescentes em suas relações de amizade, que interpretem de forma imprecisa situações inofensivas ou neutras

como ações de *bullying*, podem vir a apresentar mais tarde comportamentos de externalização ou internalização. Com a prática de karate (como AM&DC) os adolescentes aprendem no seu *curriculum* de habilidades sociais a lidar com as regras inter e intrapessoais e desenvolvem, ao abrigo dos princípios marciais, o respeito pelos seus pares (Van Noorden *et al.*, 2015). É comum pais ou encarregados de educação de crianças em risco de comportamentos internalizantes ou externalizantes incluírem o seu educando num ambiente estruturado de aprendizagem de karate (e.g. *dojo*) como suporte ao seu desenvolvimento biopsicossocial, medida considerada viável por alguns autores (Avelar-Rosa & Figueiredo, 2015; Twemlow *et al.*, 2008). Ter amigos na adolescência é um preditor de adaptação ao meio adulto (Bagwell *et al.*, 1998). Na perspetiva de que o crescimento, sustentação e proliferação das relações interpessoais durante o período da adolescência são essenciais para o desenvolvimento psicossocial deste, importa para o presente trabalho analisar o seu estudo tendo por referência a prática de karate.

A qualidade das amizades como potencial fator de intermediação dos fenómenos de *bullying* tem sido estudada na perspetiva das relações interpessoais estabelecidas em contexto escolar. Concorrendo para esta linha de investigação e sendo o karate uma prática marcial de desenvolvimento multidisciplinar com efeitos (diretos e indiretos) nas dinâmicas psicossociais dos seus praticantes, importa analisar os seus efeitos nas dinâmicas agressivas ou intimidatórias.

## 11.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Deste modo, formulou-se como objetivo central deste trabalho descrever as semelhanças e diferenças nas respostas psicossociais de vitimação entre pares, tendo por referência as relações de amizade com praticantes de karate. O presente estudo apresenta-se com um desenho descritivo-comparativo e transversal. A recolha de dados foi realizada na zona centro de Portugal Continental, em locais de prática de karate e escolas do primeiro e segundo ciclos do ensino básico. Os instrumentos utilizados para recolha de dados foram o questionário “*Bullying – a agressividade entre crianças no espaço escolar*” de Olweus (1989) adaptado para a língua e população portuguesa por Pereira e Tomás (1994 *apud*. Pereira, 2008) e revisto para a versão digital por Costa *et al.* (2013), e o questionário “*Caracterização sócio marcial de crianças portuguesas sobre o Karate*” desenvolvido na Universidade do Minho (Portugal) no âmbito dos trabalhos de investigação de doutoramento de um dos autores deste trabalho e tendo como objetivos principais caracterizar a prática marcial e avaliar a perceção sócio afetiva que esta tem nos comportamentos de vitimação entre pares, praticantes ou não praticantes. Todas as ações de recolha de dados foram realizadas com conhecimento e autorização dos órgãos de gestão dos estabelecimentos escolares e cumprindo os preceitos éticos exigidos para estudos com adolescentes. Para este trabalho, o desenho do estudo pretendeu realizar um conjunto de comparações feitas entre grupos representativos da sua condição de vítima ou não-vítima no fenómeno de *bullying*. Estas comparações pretenderam pôr em evidência as semelhanças e diferenças entre os dois subgrupos perante as seguintes questões:

Q1 - “*Teres amigos que praticam karate faz-te sentir mais seguro e protegido?*”

Q2 - “*Eras capaz de fazer mal a outros se tivesses a ajuda de um praticante de karate?*”.

Os dados foram obtidos a partir de 336 crianças, incluindo 79 karatecas (24%) e 257 não praticantes de karate (76%). A análise dos dados compreendeu 3 fases distintas: análise global dos dados, seguido da análise discriminatória das respostas dos praticantes e dos não praticantes de karate. Para análise dos dados quantitativos categóricos foi utilizado o teste de Chi-quadrado e Teste de Fisher para valores esperados menores que 5. O nível de significância definido foi de 5%. O Coeficiente Phi foi calculado para determinar o significado prático da diferença, tendo-se utilizado o V de Cramer em tabelas de contingência maiores que 2x2. O limiar dos valores do tamanho do efeito para V de Cramer (*Effect sizes for Cramer’s V*) apresentados por Cohen (1988). Resíduos ajustados foram usados para identificar combinações nos estudos comparativos que ocorreram em níveis maiores que o acaso.

## 11.3 RESULTADOS

### 11.3.1 ANÁLISE DAS RESPOSTAS À QUESTÃO Q1 - “TERES AMIGOS QUE PRATICAM KARATE FAZ-TE SENTIR MAIS SEGURO E PROTEGIDO?”

Considerando a análise da vitimação por referência ao *bullying* podemos verificar na Tabela 1 que a maioria dos inquiridos revelam que se sentem mais protegidos quando têm amigos karatecas (47,8%), cerca de um terço (34,8%) não sentem proteção adicional, enquanto 17,4% não têm opinião.

Tabela 1 - Distribuição e análise comparativa intragrupos à questão Q1 - “Teres amigos que praticam karate faz-te sentir mais seguro e protegido?” (amostra total, n=336)

Perfis		Não	Sim	Sem opinião	Total	Teste estatístico
Vítimas	Obs	24	33	12		
	Exp	28,3	22,6	18,1	69,0	
	Column %	34,8%	47,8%	17,4%	100,0%	**
	Adj. Res	-1,2	3,0	-1,9		§p=0,009
Não-Vítimas	Obs	114	77	76	267	x <sup>2</sup> (2)=9,441 φ <sub>c</sub> = 0,168
	Exp	109,7	87,4	69,9	267,0	
	Column %	42,7%	28,8%	28,5%	100,0%	
	Adj. Res	1,2	-3,0	1,9		
Total	Obs	138	110	88	336	
	Column %	41,1%	32,7%	26,2%	100,0%	

Nota: § Teste de Chi-quadrado; no valor Pearson, chi-quadrado surge entre parênteses, os graus de liberdade (DF); φ<sub>c</sub> phi coefficient or Cramer’s V; os resíduos ajustados que estão a bold são aqueles que excedem +/- 2.

Foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre as três respostas no teste Qui-Quadrado,  $\chi^2(2, n=336) = 0,009, p < 0,05$ , e de efeito pequeno no Teste de V de Cramer ( $\phi_c = 0,168$ ). Duas células desta tabela foram associadas a resíduos ajustados maiores que  $\pm 2$  e nenhuma célula produziu resíduos ajustados maiores que  $\pm 3$ . A célula associada àqueles que se identificaram como vítimas de *bullying* e responderam que “*Sim, sentem-se mais protegidas se tiverem amigos karatecas*” tiveram valor residual positivo, indicando que havia mais participantes a dar essa resposta do que seria esperado. Da totalidade dos sujeitos inquiridos, cerca de uma em cada duas (47,8%) vítimas sentem-se mais seguras quando tem amigos praticantes de karate. Quanto às não-vítimas, este valor reduz para cerca de uma em cada quatro (28,8%). Por outro lado, a célula associada àqueles que indicaram não serem vítimas de *bullying* tiveram valores residuais negativos à mesma resposta, indicando que havia menos participantes a dar essa resposta do que seria esperado ao acaso. .

Quando analisados os resultados a esta questão (Q1) somente no subgrupo dos Praticantes de Karate (n=79), constatamos na Tabela 2 que, quase metade dos karatecas consideram que se sentem mais protegidos e seguros se tiverem um amigo praticante de karate (45,6%), no caso das vítimas verificamos que uma em cada duas (50%) e no caso das não vítimas esse valor também é bastante próximo (44,6%).

Tabela 2 - Distribuição e análise comparativa intragrupos à questão Q1 - “Ter amigos que praticam karate faz-te sentir mais seguro e protegido?” associado aos praticantes de karate (subamostra de Praticantes de Karate, n=79)

Perfis		Não	Sim	Sem opinião	Total	Teste estatístico
Vítimas	Obs	3	7	4	14	§p=0,507 x <sup>2</sup> (2)=1,464 <sup>a</sup> †p=0,507 φ <sub>c</sub> = 0,136
	Exp	4,8	6,4	2,8	14,0	
	Column %	21,4%	50,0%	28,6%	100,0%	
	Adj. Res	-1,1	,4	,9		
Não-Vítimas	Obs	24	29	12	65	
	Exp	22,2	29,6	13,2	65,0	
	Column %	36,9%	44,6%	18,5%	100,0%	
	Adj. Res	1,1	-,4	-,9		
Total	Obs	27	36	16	79	
	Column %	34,2%	45,6%	20,3%	100,0%	

Nota: a) Duas células têm valor esperado inferior a 5; a contagem mínima esperada é de 2,84; § Teste de Chi-quadrado; no valor Pearson chi-quadrado surgem entre parenteses os graus de liberdade (DF); † Teste de Fisher; φ<sub>c</sub> phi coefficient or Cramer's V.

Investigados de forma mais atenta, os resultados observados revelam que, no âmbito do processo de vitimação, metade do grupo das vítimas karatecas (50,0%) refere que se sente mais protegida por ter um amigo praticante de karate. Não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas.

Ao examinarmos os resultados da análise comparativa intragrupos da subamostra dos inquiridos não praticantes de karate (n=257) na Tabela 3 constatamos que, em 43,2% o praticante de karate não é considerado como um amigo que transmite proteção e segurança. Esse reconhecimento só ocorre em segundo lugar com quase um terço das respostas dadas (28,8%), sendo a resposta “sem opinião” a que obteve menor expressão (28,0%).

Tabela 3 - Distribuição e análise comparativa intragrupos à questão Q1 - “Teres amigos que praticam karate faz-te sentir mais seguro e protegido?” associado aos não praticantes de karate (subamostra de Não Praticantes de Karate, n=257)

Perfis	Não	Sim	Sem opinião	Total	Teste estatístico
<b>Vítimas</b>	Obs	21	26	8	55
	Exp	23,8	15,8	15,4	55,0
	Column %	38,2%	47,3%	14,5%	100,0%
	Adj. Res	<b>-,8</b>	<b>3,4</b>	<b>-2,5</b>	
<b>Não-Vítimas</b>	Obs	90	48	64	202
	Exp	87,2	58,2	56,6	202,0
	Column %	44,6%	23,8%	31,7%	100,0%
	Adj. Res	<b>,8</b>	<b>-3,4</b>	<b>2,5</b>	
<b>Total</b>	Obs	111	74	72	257
	Column %	43,2%	28,8%	28,0%	100,0%

\*\*\*  
§p=0,001  
x<sup>2</sup> (2)=13,237  
φ<sub>c</sub>= 0,227

Nota: § Teste de Chi-quadrado; no valor Pearson chi-quadrado surgem entre parenteses os graus de liberdade (DF); φ<sub>c</sub> phi coefficient or Cramer’s V; os resíduos ajustados que estão a bold são aqueles que excedem +/- 2; dois resíduos ajustados excedem +/- 3.

Quando analisamos os resultados apurados a partir das vítimas não praticantes de karate verificamos que, quase metade (47,3%), refere que se sente mais protegido por ter um amigo karateca, seguido da opção “Não, não me sinto mais protegido com um amigo karateca” (38,2%) e “Sem opinião” (14,5%). A maioria das respostas dadas no grupo das não-vítimas indica que não tem fator de proteção e segurança adicionais a existência de um amigo karateca (44,6%), seguido da resposta aonde manifestam não ter opinião sobre este assunto (31,7%) e da opção afirmativa (23,8%) por último. Quando analisados os resultados sobre a perspetiva da frequência absoluta e esperada verifica-se que, no grupo da opção “Sim, sinto-me mais protegido com um amigo

*karateca*” há diferenças relevantes com impactos significativos nos Ajustamentos Residuais. Nesta comparação foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas no teste Qui-Quadrado,  $\chi^2(2, n=336) = 0.001, p < 0.001$  e de efeito pequeno no Teste de V de Cramer ( $\phi_c = 0.227$ ).

### 11.3.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS À QUESTÃO Q2 – “AS CRIANÇAS AGRIDEM OUTRAS SE TIVEREM AMIGOS PRATICANTES DE KARATE PARA AS AJUDAR A AGREDIR?”

Globalmente, a totalidade dos inquiridos, quando questionados se agridem outros se tiverem a ajuda de um praticante de karate, uma larga maioria (77,7%) referiu que não, cerca de um quinto (19,0%) não tinha opinião e somente 3,3% sugeriu que sim. Neste particular foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre o perfil das vítimas e o de não vítimas para as respostas no teste Qui-Quadrado,  $\chi^2(2, n=336) = 0.038, p < 0.05$ .

Tabela 4 - Distribuição e análise comparativa intragrupos à questão Q2 - “Eras capaz de fazer mal a outros se tivesses a ajuda de um praticante de karate?” (amostra total, n=336)

Perfis	Não	Sim	Sem opinião	Total	Teste estatístico	
<b>Vítimas</b>	Obs	46	4	19	69	
	Exp	53,6	2,3	13,1	69,9	
	Column %	66,7%	5,8%	27,5%	100,0%	*
	Adj. Res	-2,5	1,3	2,0		§p=0,038 x <sup>2</sup> (2)=6,329 <sup>a</sup>
<b>Não-Vítimas</b>	Obs	215	7	45	267	
	Exp	207,4	8,7	50,9	267,0	
	Column %	80,5%	2,6%	16,9%	100,0%	†p=0,037 φ <sub>c</sub> = 0,137
	Adj. Res	2,5	-1,3	-2,0		
<b>Total</b>	Obs	261	11	64	336	
	Column %	77,7%	3,3%	19,0%	100,0%	

Nota: a) uma célula tem valor esperado inferior a 5; a contagem mínima esperada é de 2,26; § Teste de Chi-quadrado; no valor Pearson chi-quadrado surgem entre parenteses os graus de liberdade (DF); † Teste de Fisher; φ<sub>c</sub> phi coefficient or Cramer’s V; os resíduos ajustados que estão a bold são aqueles que excedem +/- 2;

Ainda nesta comparação, quatro células da Tabela 4 foram associadas a resíduos ajustados maiores que +/- 2 e destas, duas células produziram resíduos ajustados maiores que +/- 3. Na comparação, 2 foram também verificadas diferenças estatisticamente significativas entre as três respostas no teste Qui-Quadrado,  $\chi^2(2, n=336) = 0.000, p < 0.01$ , Teste de Fisher= 0,000,  $p < 0,001$

e de efeito médio no Teste de V de *Cramer* ( $\phi_c=0.308$ ). Por último, referimos que seis células da tabela foram associadas a resíduos ajustados maiores que +/- 2 e destas, duas produziram resíduos ajustados maiores que +/- 3, outras duas produziram resíduos ajustados maiores que +/- 4 e as restantes duas produziram resíduos ajustados maiores que +/- 5.

Se para esta questão em particular (Q2) efetuarmos uma análise comparativa semelhante, mas circunscrita aos praticantes de karate (n=79) observamos que a tendência global é a mesma.

Na tabela 5 verificamos que uma maioria relativa (87,3%) respondeu de forma negativa a questão, 10,1% refere que não tem opinião e somente 2,5% responde afirmativamente.

Tabela 5 - Distribuição e análise comparativa intragrupos à questão Q2 - “Eras capaz de fazer mal a outros se tivesses a ajuda de um praticante de karate?” (subamostra de Praticantes de Karate, n=79)

Perfis		Não	Sim	Sem opinião	Total	Teste estatístico
Vítimas	Obs	11	0	3	14	$\xi p=0,233$ $x^2(2)=2,727^a$ $\dagger p=0.315$ $\phi_c = 0.186$
	Exp	12,2	,4	1,4	14,0	
	Column %	78,6%	0,0%	21,4%	100,0%	
	Adj. Res	-1,1	-,7	1,5		
Não-Vítimas	Obs	58	2	5	65	
	Exp	56,8	1,6	6,6	65,6	
	Column %	89,2%	3,1%	7,7%	100,0%	
	Adj. Res	1,1	,7	-1,5		
Total	Obs	69	2	8	79	
	Column %	87,3%	2,5%	10,1%	100,0%	

Nota: a) Três células têm valor esperado inferior a 5; a contagem mínima esperada é de 0,35; § Teste de Chi-quadrado; no valor Pearson chi-quadrado surgem entre parenteses os graus de liberdade (DF); † Teste de Fisher;  $\phi_c$  phi coefficient or Cramer's V.

As comparações intragrupos refletem um retrato igualmente semelhante com uma preponderância sistemática da opção “Não, não era capaz de fazer mal a outros se tivesse a ajuda de um praticante de karate”. Como fator diferenciador, destacamos a ausência de respostas (0,0%) à questão em estudo por parte das vítimas praticantes de karate.

Por último, o estudo das respostas dadas pelos não praticantes de karate (n=257) reflete uma opção com maioria relativa da resposta “Não, não era capaz de fazer mal a outros se tivesse a ajuda de um praticante de karate” (74,7%).

Na Tabela 6 podemos verificar também uma ligeira diferença percentual entre as vítimas e não vítimas não praticantes de karate, com especial incidência para as primeiras relativamente à opção de poder agredir terceiros com ajuda do amigo-karateca.

Tabela 6 - Distribuição e análise comparativa à questão Q2 - “Eras capaz de fazer mal a outros se tivesses a ajuda de um praticante de karate?” associado aos não praticantes de karate (subamostra de Não Praticantes de Karate, n=257)

Perfis		Não	Sim	Sem opinião	Total	Teste estatístico
Vítimas	Obs	35	4	16	55	§p=0,058 x <sup>2</sup> (2)=5,701 <sup>a</sup> †p=0.055 φ <sub>c</sub> = 0.149
	Exp	41,1	1,9	12,0	55,0	
	Column %	63,6%	7,3%	29,1%	100,0%	
	Adj. Res	-2,1	1,7	1,5		
Não-Vítimas	Obs	157	5	40	202	
	Exp	150,9	7,1	44,0	202,0	
	Column %	77,7%	2,5%	19,8%	100,0%	
	Adj. Res	2,1	-1,7	-1,5		
Total	Obs	192	9	56	257	
	Column %	74,7%	3,5%	21,8%	100,0%	

Nota: a) uma célula tem valor esperado inferior a 5; a contagem mínima esperada é de 1,93; § Teste de Chi-quadrado; no valor Pearson chi-quadrado surgem entre parenteses os graus de liberdade (DF); † Teste de Fisher; φ<sub>c</sub> phi coefficient or Cramer's V; os resíduos ajustados que estão a bold são aqueles que excedem +/- 2;

## 11.4 DISCUSSÃO

O presente estudo gerou informações que contribuem para a compreensão das relações de amizade com praticantes de karate e as suas relações de proteção e segurança. Relativamente ao processo de vitimação, os resultados apurados indicam que, na sua maioria, o amigo-karateca exerce junto das vítimas uma influência socio afetiva positiva, geradora de segurança e/ou proteção. Os dados recolhidos apontam para uma influência significativamente positiva em todos os adolescentes que são vítimas de *bullying* (p<0,01) com especial incidência para aqueles que não são praticantes de karate (p=0,001). Ou seja, e complementando os trabalhos de Barcaccia *et al.* (2018), estes dados robustecem o papel que o amigo, como karateca, pode ter nas relações interpessoais concebidas a partir da oportunidade de introduzir sentimentos de proteção e segurança simplesmente por praticar karate. No caso das vítimas não praticantes de karate, as suas respostas assumem especial relevo pelo potencial de auxílio e confiança que estas aduzem para as relações de amizade estabelecidas. As vítimas de *bullying*, ao estarem associadas a amigos com características assentes em princípios marciais de respeito e inclusão pelos seus pares (Van Noorden *et al.*, 2015) poderão beneficiar o suficiente de modo a atenuar as variáveis específicas de natureza individual mobilizadoras de sentimentos de insegurança elencadas por Pereira (2008). Mais, decorrente da fragilidade da condição socio emocional das vítimas de *bullying* ou da manifestação de comportamentos internalizantes (Flett & Hewitt, 2013), o receio de ser repetidamente agredido é frequentemente maior do que a

sua incidência real (Randall 1996 *apud*. Seixas, 2006) pelo que os dados analisados sugerem que esta consciência poderá ser diminuída pela presença de um amigo-karateca já que este providencia um sentimento percecionado de proteção e segurança associados à prática marcial. A qualidade das amizades com praticantes de karate pode, deste modo, ser fator primordial de acesso ao desenvolvimento psicossocial das vítimas de *bullying*, estando em linha com os trabalhos de Berndt (2002). Concomitantemente, e complementando os trabalhos de Rubin *et al.* (2004), a amizade gerada entre as vítimas de *bullying* e os praticantes de karate pode contribuir para promoção de um maior bem estar-psicológico e minimização dos efeitos dos comportamentos internalizantes junto das mesmas com consequências positivas para ambos, em situações de amizade recíproca. Deste modo, os amigos-karatecas, quando associados a comportamentos positivos, inclusivos e cooperativos, podem mais facilmente receber o atributo de amizade sociométrica de “melhor amigo(a)” ou “daquele(a) que gosto mais” (Wolters *et al.*, 2014). Esta tendência está em linha com trabalhos de investigação relacionados com a transposição para o meio social dos princípios e valores como aqueles que são exercitados pela prática marcial (Van Noorden *et al.*, 2015). Os dados recolhidos com o presente estudo refletem uma tendência para se considerar o amigo-karateca como um agente social passível de não ser instrumentalizado para consubstanciar agressões adicionais por parte de vítimas de *bullying*. Outro fator pertinente é a inexistência de vítimas de *bullying* praticantes de karate (0,0%) a referir que eram capazes de fazer mal a terceiros com ajuda de um amigo-karateca. Este retrato sócio emocional poderá refletir o impacto que os valores e princípios marciais desenvolvidos na prática marcial (Hernandez & Anderson, 2015; Murcia *et al.*, 2007; Simões *et al.*, 2020; Twemlow *et al.*, 2008) têm nas relações entre pares estabelecidas em contexto escolar. Concluimos deste modo que, o amigo-karateca, por seu *status*, pode exercer, junto das vítimas de *bullying*, uma aparente influência sócioafetiva positiva, geradora de segurança e/ou proteção, com especial incidência naquelas que não são praticantes de karate. Concomitantemente, é também resultado deste estudo a perceção de que os amigos-karatecas não são, para as vítimas de *bullying*, alvo de amizades percecionadas, tendo, em vista, a agressão de terceiros após ter sido vitimizado.

Neste estudo, as vítimas reconhecem nos karatecas o potencial de minimização de novos episódios de *bullying*, em contexto escolar, pelo que não deverá ser descurado o papel promotor de segurança adicional que os karatecas podem ter na vida psicossocial destes adolescentes, bem como um sentimento adicional de proteção a agressões futuras. Não será possível afirmar perentoriamente a eficácia desta relação, uma vez que, depende, também, de fatores estruturais da prática marcial como o tipo de orientação oferecido aos praticantes, as qualidades estruturais da prática desportiva oferecida, as características dos praticantes e o contexto social (Vertonghen & Theeboom, 2010). Deste modo, e na esteira dos trabalhos desenvolvidos por Avelar-Rosa e Figueiredo (2015), poderão as presentes conclusões ser complementadas com projetos de desenvolvimento fundamental que envolvam a perceção do sentido global da prática de karate com vista ao desenvolvimento da aprendizagem e disseminação dos valores implícitos na sua prática diretamente a partir da Escola por intermédio de planos curriculares específicos.

## REFERÊNCIAS

- Avelar-Rosa, B., & Figueiredo, A. (2015). As Artes Marciais e Desportos de Combate na Educação Física Escolar. Interpretação Curricular. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, V. 1 (8), p.p. 14-21.
- Bagwell, C., Newcomb, A., & Bukowski, W. (1998). Preadolescent Friendship and Peer Rejection as Predictors of Adult Adjustment [Amizade pré-adolescente e rejeição de pares como preditores de ajustamento adulto]. *Child Development*, V. 69, p.p. 140-153. DOI: <https://doi.org/doi:10.2307/1132076>.
- Bagwell, C., & Schmidt, M. (2013). *Friendships in Childhood and Adolescence [Amigades na Infância e na Adolescência]*. Guilford Press.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control [Autoeficácia: o exercício de controle]*. Freeman.
- Barcaccia, B., Pallini, S., Baiocco, R., Salvati, M., Salianni, A., & Schneider, B. (2018). Forgiveness and friendship protect adolescent victims of bullying from emotional maladjustment [O perdão e a amizade protegem os adolescentes vítimas de bullying de desajustes emocionais]. *Psicothema*, 30, 427-433. <https://doi.org/10.7334/psicothema2018.11>.
- Berndt, T. (2002). *Friendship Quality and Social Development. Current Directions in Psychological Science [Qualidade de amizade e desenvolvimento social. Direções atuais na ciência psicológica]*. V. 11, p. 1, 7–10. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/1467-8721.00157>.
- Bukowski, W. (2011). *Popularity as a social concept: Meanings and significance [Popularidade como um conceito social: significados e significados]*. In Cillessen, A. H. N., Schwartz, D. & Mayeux, L. (Eds.). The Guilford Press.
- Caprara, G., Steca, P., Gerbino, M., Pacielloi, M., & Vecchio, G. (2006). Looking for adolescents' well-being: self-efficacy beliefs as determinants of positive thinking and happiness [Em busca do bem-estar dos adolescentes: crenças de autoeficácia como determinantes do pensamento positivo e da felicidade]. *Epidemiologia e psichiatria sociale*, V. 15 (1), p.p. 30–43. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1017/s1121189x00002013>.
- Chang, Y., Yeh, T., Pai, F., & Huang, T. (2018). Sport Activity for Health!! The Effects of Karate Participants' Involvement, Perceived Value, and Leisure Benefits on Recommendation Intention [Os efeitos do envolvimento dos participantes de caratê, valor percebido e benefícios de lazer na intenção de recomendação]. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, V. 15 (5), p. 953.
- Cialdini, R., & Richardson, K. (1980). Two indirect tactics of image management: Basking and blasting [Duas táticas indiretas de gerenciamento de imagem: Basking e detonação]. *Journal of Personality and Social Psychology*, V. 39, p.p. 406–415. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1037/0022-3514.39.3.406>.

- Cillessen, A., Jiang, X., West, T., & Laszkowski, D. (2005) . Predictors of dyadic friendship quality in adolescence [Preditores da qualidade da amizade diádica na adolescência]. *International Journal of Behavioral Development*, V.29, p.p. 165–172. DOI: <https://doi.org/10.1080/01650250444000360>.
- Cohen, J.(1988). *Statistical power analysis for the behavioural sciences [Análise estatística de poder para as ciências comportamentais]*. (2a. ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Costa, P., Farenzena, R., Simões, H., & Pereira, B. (2013). Adolescentes Portugueses e o Bullying Escolar: estereótipos e diferenças de gênero. *Revista Interações: Número Especial - Adolescência, Gênero e Violências*, V. 9, p.p. 180-201.
- Cuadros, O., & Berger, C. (2016). The protective role of friendship quality on the wellbeing of adolescents victimized by peers [O papel protetor da qualidade da amizade no bem-estar de adolescentes vitimizados por pares]. *Journal of youth and adolescence*, V. 45 (9), p.p. 1877–1888. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0504-4>.
- Flett, G., & Hewitt, P. (2013). Disguised Distress in Children and Adolescents “Flying Under The Radar”: Why Psychological Problems Are Underestimated and How Schools Must Respond [Angústia disfarçada em crianças e adolescentes “voando sob o radar”: por que os problemas psicológicos são subestimados e como as escolas devem responder]. *Canadian Journal of School Psychology*. V. 28 (1), p.p. 12–27. DOI: <https://doi.org/10.1177/0829573512468845>.
- Gauthier-Duchesne, A., Hébert, M., & Daspe, M. (2017). Gender as a predictor of posttraumatic stress symptoms and externalizing behavior problems in sexually abused children [Gênero como preditor de sintomas de estresse pós-traumático e problemas de comportamento externalizantes em crianças abusadas sexualmente]. *Child Abuse & Neglect*, V. 64, p.p. 79-88.
- Graham, A. (2005) . Families in society: Boundaries and relationships [Famílias na sociedade: limites e relacionamentos]. Police Press. DOI: <https://doi.org/10.1332/policypress/9781861346438.001.0001>.
- Greco, G., Cataldi, S., & Fischetti, F. (2019). Karate as anti-bullying strategy by improvement resilience and self-efficacy in school-age youth [Karatê como estratégia anti-bullying pela melhoria da resiliência e autoeficácia em jovens em idade escolar]. *Journal of Physical Education and Sport*, V. 19, p.p. 1863-1870.
- Gubbels, J., Stouwe, T. van der; Spruit, A., & Stams, G. J. J. M. (2015, 2016) Martial arts participation and externalizing behavior in juveniles: A meta-analytic review [Review Article] [Participação nas artes marciais e comportamento externalizante em jovens: uma revisão metaanalítica {artigo de revisão}]. *Aggression and Violent Behavior*, V. 28, p.p. 73-81. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.03.011>.

- Harwood, A., Lavidor, M., & Rassevsky, Y. (2017). Reducing aggression with martial arts: a metaanalysis of child and youth studies [Reduzindo a agressão com artes marciais: uma meta-análise dos estudos de crianças e jovens]. *Aggression and Violent Behavior*, V. 34, p.p. 96-101. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.03.001>.
- Hernandez, J., & Anderson, K. B. (2015). Internal Martial Arts Training and the Reduction of Hostility and Aggression in Martial Arts Students [Treinamento interno de artes marciais e redução da hostilidade e agressão em alunos de artes marciais]. *Psi Chi Journal of Psychological Research*, V. 20 (3), p.p. 169-176. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.24839/2164-8204.JN20.3.114>.
- Hwang, S., Kim, Y., Koh, Y., Bishop, S., & Leventhal, B. (2017). Discrepancy in perception of bullying experiences and later internalizing and externalizing behavior: A prospective study [Discrepância na percepção de experiências de bullying e posteriormente internalização e externalização de comportamento: um estudo prospectivo]. *Aggressive Behavior*, 43(5), 493–502. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/ab.21707>.
- Lansford, J., Putallaz, M., Grimes, C., Schiro-Osman, K., Kupersmidt, J., & Coie, J. (2006). Perceptions of Friendship Quality and Observed Behaviors with Friends: How do Sociometrically Rejected, Average, and Popular Girls Differ? [Percepções da qualidade da amizade e comportamentos observados com amigos: como diferem as meninas sociometricamente rejeitadas, comuns e populares?] *Merrill-Palmer Quarterly*, V. 52, p.p. 694-720. DOI: <https://doi.org/http://www.jstor.org/stable/23096030>.
- Meuwese, R., Cillesen, A., & Güroğlu, B. (2016). Friends in high places: A dyadic perspective on peer status as predictor of friendship quality and the mediating role of empathy and prosocial behavior [Amigos em posições importantes: uma perspectiva diádica sobre o status dos pares como preditor da qualidade da amizade e o papel mediador da empatia e do comportamento pró-social]. *Social Development*, V. 26, p.p. 503-519. DOI: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1111/sode.12213>.
- Mishna, F., Wiener, J., & Pepler, D. (2008). Some of my best friends—Experiences of bullying within friendships. *School Psychology International* [Alguns de meus melhores amigos - Experiências de bullying em amizades]. *School Psychology International*. V. 29 (5), p.p. 549–573. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0143034308099201>.
- Murcia, J., Gimeno, E., & Coll, D. (2007). Young athletes' motivational profiles [Perfis motivacionais de jovens atletas]. *Journal of sports science & medicine*. V. 6 (2), p.p. 172–179.
- Olweus, D. (1989). Prevalence and Incidence in the Study of Antisocial Behavior: Definitions and Measurements [Prevalência e incidência no estudo do comportamento antisocial: definições e medidas]. Klein M. W. (Eds) *Cross-National Research in Self-Reported Crime and Delinquency*, V. 50. DOI: [https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-94-009-1001-0\\_9](https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-94-009-1001-0_9).

- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Facts and interventions [Problemas de intimidação / vítima na escola: fatos e intervenções]. *European Journal of Psychology of Education*, V. 12 (4), p.p. 495-510.
- Pellegrini, A., Dupuis, D., & Smith, P. (2007). Play in evolution and development [Jogoe em evolução e desenvolvimento]. *Developmental Review*, V. 27 (2), p.p. 261-276.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. (2a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MTC).
- Rubin, K., Dwyer, K., Kim, A., Burgess, K., Booth-Laforce, C., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, Friendship, and Psychosocial Functioning in Early Adolescence [Apego, amizade e funcionamento psicossocial no início da adolescência]. *The Journal of early adolescence*, 24, 326–356. <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0272431604268530>.
- Simões, H., Santos, P., Pereira, B., & Figueiredo, A. (2020). Martial Arts and Combat Sports and the Bullying: a systematic review [Artes marciais e esportes de combate e o bullying: uma revisão sistemática]. *Retos*, V. 39. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.47197/retos.v0i39.77412>.
- Smith, P., Smees, R., & Pellegrini, A. (2004). Play fighting and real fighting: Using video playback methodology with young children [Brinque de luta e de verdade: usando a metodologia de reprodução de vídeo com crianças]. *Aggressive Behavior*, V. 30, p.p. 164-173. DOI: <https://doi.org/10.1002/ab.20013>.
- Steinberg, L., & Morris, A. (2001). Adolescent development [Desenvolvimento adolescente]. *Annual Review of Psychology*, V. 52, p . p. 83–110. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.83>.
- Twemlow, S., Biggs, B., Nelson, T., Vernberg, E., Fonagy P., & Twemlow, S. (2000). Effects of participation in a martial arts–based antibullying program in elementary schools [Efeitos da participação em um programa de antibullying baseado em artes marciais em escolas de ensino fundamental]. *Psychology in the Schools*, V. 45, p.p. 947-959. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pits.20344> .
- Noorden, T. Van., Haselager, G., Cillessen, A., & Bukowski, W. (2015). Empathy and involvement in bullying in children and adolescents: a systematic review [Empatia e envolvimento no bullying em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática]. *Journal of youth and adolescence*, V. 44 (3), p.p. 637–657. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/s10964-014-0135-6>.
- Vertonghen, J., & Theeboom, M. (2010). The Social-Psychological Outcomes of Martial Arts Practise Among Youth: A Review [Os resultados sociopsicológicos da prática das artes marciais entre os jovens: uma revisão]. *Journal of Sports Science & Medicine*, V. 9, p. 528-537.

- Vivolo-Kantor, A., Massetti, G., Niolon, P., Foshee, V., & McNaughton-Reyes, L. (2016). Relationship Characteristics Associated with Teen Dating Violence Perpetration [Características de relacionamento associadas à perpetração de violência em namoro adolescente]. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, V. 25 (9), p.p. 936-954. DOI: <https://doi.org/10.1080/10926771.2016.1223774>
- Vonderlin, R., Kleindienst, N., Alpers, G., Bohus, M., Lyssenko, L., & Schmahl, C. (2018). Dissociation in victims of childhood abuse or neglect: a meta-analytic review [Dissociação em vítimas de abuso ou negligência na infância: uma revisão meta-analítica]. *Psychological Medicine*, 2018. V. 48 (15), p.p. 2467-2476. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0033291718000740>.
- Wei, H., & Jonson-Reid, M. (2001). Friends can hurt you: Examining the coexistence of friendship and bullying among early adolescents [Amigos podem te machucar: examinando a coexistência de amizade e bullying entre os primeiros adolescentes]. *School Psychology International*. V. 32 (3), p.p. 244–262. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0143034311402310>.
- Wei, H., Jonson-Reid, M., & Tsao, H. (2007). Bullying and Victimization Among Taiwanese 7th Graders: A Multi-Method Assessment [Bullying e vitimização entre alunos taiwaneses da 7ª série: uma avaliação multi-método]. *School Psychology International*, V. 28 (4), p. 479–500. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0143034307084137>.
- Wolters, N., Knoors, H., Cillessen, A., & Verhoeven, L. (2014). Behavioral, Personality, and Communicative Predictors of Acceptance and Popularity in Early Adolescence [Preditores comportamentais, de personalidade e comunicativos de aceitação e popularidade no início da adolescência]. *The Journal of early adolescence*, V. 34, p.p. 585–605. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0272431613510403>.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.